

O PENSAMENTO LOBATIANO: "PRINCÍPIOS", "MEIOS" E "FINS"

Eliana Yunes Garcia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Uma leitura atenta dos livros infantis de Lobato, sem grande esforço de análise, indica algumas posturas básicas que, por sua vez, apontam a ideologia que subjaz a seus textos. Tomando-se ideologia no sentido semiológico⁽¹⁾, como "uma dimensão analítica própria a todo discurso", interessam mais as condições de produção do sentido aí expresso que sua função de recobrimento e/ou reduplicação da realidade, segundo modelos postos em circulação pelo poder estabelecido.

É neste sentido que se pode falar de uma ideologia do discurso lobatiano, muito embora não seja possível negar o caráter de persuasão que percorre todo o seu discurso — enquanto poder adulto — dirigido à infância. Em outras palavras, ao discurso do poder, criticamente enunciado pelo narrador, como veremos, corresponde o poder de seu discurso, isto é, determinados efeitos que o emissor se preocupa em desencadear no plano do receptor.

Por isto mesmo, há certa ambigüidade e mesmo algum paradoxo em sua obra — o que, neste ponto, pode explicar indiretamente o aval dos adultos para sua divulgação entre as crianças — já que, com a persuasão, se coloca uma questão de poder⁽²⁾ e na relação adulto/criança se atualiza um sema de orientação quando não de repressão. Mas aí já estamos nos "meios". Voltemos aos princípios, ou seja, retomemos os caminhos da enunciação em Lobato.

Neto de nobre proprietário rural, recebeu os benefícios de uma educação clássica e conheceu desde cedo a situação que veio a pintar em cores fortes na figura de Jeca Tatu. Contudo suas experiências de vida, nem sempre bem-sucedidas, levaram-no a um conhecimento melhor da realidade social brasileira e a postular caminhos novos para os velhos impasses da vida

nacional. Percebeu com o tempo que à classe dominante pouco ou quase nada interessava mudar e, como que desesperado do mundo adulto, lança-se a escrever para crianças:

"A criança é a humanidade de amanhã. No dia em que isto se transformar em axioma — não dos repetidos decoradamente, mas dos sentidos, no fundo da alma — a arte de educar as crianças passará a ser a mais intensa preocupação do homem. Estamos ainda, infelizmente, num período em que a criança, em vez de ser considerada como o dia de amanhã, não passa de nuisance. (...) Daí toda a monstruosa negligência a seu respeito."⁽³⁾

Sua busca de uma linguagem própria para falar às crianças⁽⁴⁾ implica o desejo de a elas transmitir um sentido, decorrente de sua visão crítica de mundo, evitando, no entanto, a imposição de conteúdos, o que redundaria na antítese de sua concepção de homem livre, participante e responsável pelo próprio destino e o da pátria.

Portanto, a postura política de Lobato, suas idéias em relação à humanidade e ao país, a concepção de mundo e seus valores vão se constituir nos princípios de que emanam a forma e o sentido da ação social: sua literatura infantil transforma-se no canal privilegiado desta intervenção na sociedade brasileira, que, por sua vez, objetiva uma reparação do estado de coisas, através do alerta crítico repassado a novas gerações. Vamos por partes.

Que teorias filosófico-científicas estavam em voga na época da Primeira República no Brasil e como Lobato se relacionou com elas?

O século XIX representa, como se sabe, um avanço notável no âmbito das ciências: aliado a ele, o racionalismo, originário do Século das Luzes, ganhou nova dimensão com o surto de transformações políticas que perseguiram uma certa atualização no trato das questões nacionais. A modernização tecnológica e o desenvolvimento econômico encontravam na teoria evolucionista uma espécie de certificado de garantia do progresso, sem consideração das estruturas sociais vigentes, assentadas no tradicionalismo e nas oligarquias pleni-potências.

Por isto mesmo, o realismo duramente preconizado pelos intelectuais vai incorrer em soluções equívocas, em alguns casos paradoxalmente idealistas e que, com o tempo, fazem regressar ao pessimismo, por um lado, e, por outro, a um moralismo conformista; as possibilidades de transformações sociais, mais se atrofiam no país apesar das "revoluções" políticas.

"Há um século e geração de nossos avós realizou a campanha da Independência (...)

A geração de nossos pais realizou a Abolição e instituiu a República (...)

Aos homens das gerações nascidas na República caberá, provavelmente, uma nova obra de construção, difícil mas fecunda. Tudo indica que deverão ser fixados no tempo e no espaço, o pensamento e a consciência da nacionalidade brasileira."⁽⁵⁾

As motivações internas foram reforçadas pelos ares amargos da guerra de 1914-18, que no dizer de Alceu de Amoroso Lima levou o intelectual a cair na realidade, fazendo com que o "espírito do decadentismo, de displicência, de ironia, de sarcasmo, de descrença, cedesse lugar ao idealismo, espécie de rejuvenescimento da geração"⁽⁶⁾. A esta onda nova se dá o nome de Modernismo.

Lobato, em verdade, precede sob vários aspectos esta geração, seja no otimismo, oriundo das idéias, seja no desencanto das práticas e sua narrativa deixa ver a oscilação permanente que viveu como intelectual, entre os dois pólos.

Tendo, desde pequeno, acesso à leitura e vivendo a experiência de diferentes métodos educacionais, Lobato chega à universidade com um espírito contestador, que irá exercer ao longo de sua vida de homem público. A experiência como promotor em uma cidadezinha interiorana e como herdeiro de seu avô na direção da fazenda levaria o escritor, em seus primeiros livros de contos, a retratar com ironia e crítica acerba a ignorância e a falta de iniciativa do caipira — e neste sentido, constrói o anti-herói da versão sertaneja de Euclides da Cunha. Paralela à ficção propriamente dita, Lobato se permite digressões, comentários e reflexões, seja nos textos, seja nos prefácios que dão à sua Literatura um cunho de forte engajamento, aos poucos caminhando para o doutrinário, que alia o idealismo utópico dos liberais ao materialismo pragmático socializante.

Sua exacerbada luta pela modernização do país esbarra finalmente no diagnóstico desolador das oligarquias corruptas; para tal diagnóstico tem a receita, nunca aviada, face aos obstáculos da própria máquina estatal; à classe dominante não interessaria conhecer e sanear os males do Brasil, uma ameaça ao *status quo* que veste a máscara ufanista da riqueza e do desenvolvimento. É na descoberta dos problemas econômico-sociais sob este novo foco que se enraiza sua oposição ao obscurantismo do poder oligárquico e que assume posição de denúncia da burocracia que emperra a nação.

"A criação intelectual não só é livre como parece passar a ser uma tarefa à qual a elite não se deveria furtar. Os autores conclamam os demais membros da elite a se tornarem também autores, a se debruçarem sobre a realidade nacional"(7). Lobato encarna o papel e depois de identificar em seus contos, entrevistas e artigos, a realidade político-social do país, decide-se engajar mais profundamente na luta, através de uma literatura voltada para o esclarecimento das novas gerações (iluminismo) fundado nos avanços tecnológicos (cientificismo) do desenvolvimento inexorável (evolucionismo) e numa visão de responsabilidade social do indivíduo (idealismo + liberalismo). Lobato faz de sua obra infantil a versão desejável de país, a democracia social, ensaiada do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Dos "princípios" aos "melos", chegamos aos métodos de expressão dos valores nesta literatura específica de Lobato. Vale dizer que, pedagógico, em se querendo, doutrinário, o narrador não perde de vista o fato de que a vitalidade de seu texto é dependência direta do descentramento do enunciado, sem deslocar a enunciação.

Através do questionamento constante e direto das personagens, Lobato insere no texto a voz dissonante e instigadora do narrador adulto e com isto instala o senso crítico e a polémica, filtros do pensamento livre e da análise objetiva.

De forma alegórica, com o maravilhoso fantástico, ou objetivamente, sob a ótica do realismo materialista, Lobato faz desfilarem a História, a Geografia Econômica, a Política, a Moral, a Religião e a Filosofia em geral.(8)

Assim é que em *História do Mundo para Crianças* (1933) e *História das Invenções* (1935) emerge sua concepção evolucionista do mundo e da própria história, a justificar o progresso compulsório da Idade da Pedra à Modernidade tecnológica. Mas nisto mesmo se instala certa ambigüidade da visão lobatina: o homem é capaz de mudar o curso dos acontecimentos seja pelas "grandes invenções", seja pela sabedoria (= conhecimento) de que dispõe para o governo do mundo. Contudo, Lobato mesmo revela com desalento, às vezes com sagacidade irônica que, nem sempre, o homem age segundo o que pode ou o que sabe.

Na Geografia, os fatores econômicos aparecem ora vestidos do determinismo das condições geográficas, fatalmente condicionantes, ora decorrem do caráter (ou falta de) do povo conformista e submisso ou interessado e inovador. Aí já se reflete uma outra dicotomia de Lobato — indivíduo x povo —

em que o primeiro, pelas graças das Ciências e das Artes, pode corrigir sua natureza, "iluminar" sua mentalidade, restando para o povo em geral a visão pessimista do atraso, do tradicionalismo arraigado ou, quando muito, considera-o a vítima de governos corruptos e ineptos, o que não deixa de articular governantes e governados simultaneamente como responsáveis pelo obscurantismo que se contraporia ao iluminismo cientifista e moderno.

A Política, que percorre os livros paradigmáticos e os ficcionais — *Trabalhos de Hércules*, *O Minotauro*, *O Poço do Visconde*, entre outros — insiste no modelo democrático, de cunho liberal e ao mesmo tempo paternalista (o povo precisa ser conduzido por uma elite esclarecida). Exerce sua denúncia dos subterfúgios da política nacional que, numa espécie de rede de intrigas, privilegia os apadrinhados, o empreguismo, a retórica surda, o ufanismo cego; no pólo oposto, a utopia política do Sítio, derivada do pacifismo e da justiça social, objetivos máximos da sociedade dos homens.

A Moral, em Lobato, é apresentada, como tudo mais, sob o ângulo das circunstâncias, que desvia o absolutismo e o centramento de quaisquer posições. Assim, enquanto a enunciação procura manter um amoralismo pragmático, não faltam lições de moral no sentido da exemplaridade, nem juízos das personagens sobre as ocorrências ou narrações. A relatividade é instrumento capaz de dar conta da diversidade sem incorrer nos reducionismos injustos das semelhanças. Procura instalar no espírito do leitor a desconfiança das normas e aforismos, sem confundir o amoralismo realista com uma pregação da imoralidade de conduta.

A questão religiosa — do catolicismo às credências e superstições — em Lobato, passa antes pelo repúdio ao conformismo das massas sob uma ótica mística, que pelo ateísmo iconoclasta. Distingue claramente Cristo e o Cristianismo, entre a revelação e a manipulação que anula a iniciativa humana numa disposição à vontade de Deus, confundindo conformismo com fé. Este jogo serviria aos interesses da classe dominante, identificando-se a revolta com o pecado, já que a insatisfação remeteria diretamente à autoridade constituída pela tradição. De um lado as Cruzadas Cívicas, de outro o rearmamento moral. Como se vê, é sobretudo o caráter político das religiões que está na alça de mira de Lobato, muito mais que a existência de um criador.

Finalmente e mais que isto, indo aos "fins", Lobato, de um modo geral, pelo que já foi exposto, pauta sua filosofia no co-

nhecer para agir; pragmático e no entanto moralista, materialista e idealista simultaneamente, realiza uma espécie de simbiose que se quer dialética sem romper, contudo, com as tradições humanísticas da história: o idealismo aponta para a justiça, através da racionalidade e do cientificismo, ou seja, paradoxalmente, através do aludido realismo pragmático.

Confere, além do mais, um papel de relevância em seus textos ao que se pode chamar de instância crítica. Da história à mitologia, das religiões às fábulas, tudo passa pelo crivo da interrogação sem se fixar na dúvida, que tiraria a esperança do coração da infância pela insegurança permanente. A interrogação é uma abertura à criatividade às novas soluções e o convite à reflexão é o passe à iniciativa própria, assegurada no Sítio, pelo universo democrático das relações reais e pelo fantástico nas articulações lúdicas das crianças.

Enfim, brincando, elas encenam "o admirável mundo novo", que Lobato gostaria de ver substituindo o de sua contemporaneidade. Para tal, como dissemos antes, ele não teme inaugurar uma literatura (arte) para crianças, sem o exercício pedagógico da transmissão de informações. De tal modo ele as articula que a obra se distancia do panfletário e do meramente instrucional. Em Lobato a pedagogia é o método pelo qual a ficção instala no universo infantil a dissonância crítica das convenções sociais dos próprios modelos educacionais vigentes.

(*) Texto original de uma palestra proferida no I Seminário de Literatura Infantil na Universidade Federal do Ceará, 1980.

(1) VERON, Eliseo "Discurso, poder, poder del discurso" in *Anais do I Colóquio de Semiótica*. PUC/RJ & Loyola, 1980, p. 86.

(2) LIMA, L. Costa. Projeções do Ideológico. *Cadernos da PUC/RJ* nº 8/75, p. 163.

(3) LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1959, p. 249.

(4) *Ibidem*, p. 253.

(5) CARNEIRO LEÃO, A. et alii. A margem da história da República, apud Oliveira, Lucia Lippi *Elite Intelectual e o Debate Político nos Anos 30*. Rio, FGV/INL-MEC, 1980, p. 33.

(6) AMOROSO LIMA, A. *Memórias Improvisadas*. Rio, Vozes, 1973, p. 55.

(7) OLIVEIRA, Lucia Lippi et alii. Op. cit. p. 33.

(8) v. *Cadernos da PUC-RJ* nº 35/82, estudo exaustivo de Zunda Vasconcelos sobre a ideologia na obra infantil de Lobato.